

CONSULTORES DO ALÉM: RACIONALIDADE E CULTURA NO TRABALHO DE ACONSELHAMENTO A CLIENTES DO CANDOMBLÉ¹

Fernando Roque de Lima²

RESUMO: (Consultores do além: racionalidade e cultura no trabalho de acompanhamento a clientes do candomblé) - O presente trabalho, procura realçar a dimensão “empresarial” que os cultos afro-brasileiros – especialmente o Candomblé – apresentam em sua performance com diversos segmentos sociais que a eles acorrem em busca de soluções para os problemas da vida cotidiana. O trabalho, procurou identificar o exercício do trabalho de “consultoria” efetuado pelos titulares dos terreiros de Candomblé, visando equacionar os problemas de natureza econômico - financeira enfrentados pelos pequenos e médios empresários. Os resultados são discutidos em relação aos apresentados por outros autores e os vários padrões de racionalidade.

ABSTRACT: (Consultants from the beyond: rationalism and the culture of business counselling for clients of “Candomblé”) - The present work attempts to gather data on the performance of High priests (Pais de Santo) from Afro-Brazilian religious cults, especially Candomblé, who are approached by people, from diverse social strata, in search of solutions to everyday problems. The study concentrates on the area of financial and economic problems in the management of small and medium-sized businesses. The significance of the findings are discussed in relation to the views of other authors on various models of perceived rationality.

Introdução

Sabe-se que expressivos segmentos sociais acorrem aos cultos afro-brasileiros - entre os quais o Candomblé - buscando a satisfação de demandas que a vida cotidiana suscita: necessidade de curar doenças, de resolver problemas conjugais, dificuldades financeiras e angústias

¹ Parte da dissertação de mestrado a ser apresentada ao Núcleo de Pós-Graduação em Administração da Universidade Federal da Bahia.

² Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Educação. Km 03 - BR 116, Campus Universitário. 44031-460, Feira de Santana, Bahia, Brasil.

existenciais (PRANDI,1991). Procura-se reconfortar a alma, para recompensar os fracassos vividos em um mundo de relações íntimas e sociais muito adversas. Mundo este onde a ciência é insuficiente ou inacessível aos mais pobres e onde os cálculos e previsões são, freqüentemente, irrealizáveis.

Assim, o Candomblé, enquanto agência prestadora de serviços pessoais, é mais um instrumento para minimizar as ansiedades e seus males. Satisfaz o desejo de o homem conhecer o futuro e explicar situações incompreensíveis para si: porque aconteceu comigo ? Conta-se com o jogo de búzios - oráculo do candomblé - através do qual o babalorixá desvenda mistérios e descobre os sacrifícios rituais e oferendas que devem ser feitos para resolver os problemas. Entre os diversos serviços oferecidos à clientela do candomblé, o de consultoria a pequenos e médios empresários e até grandes proprietários, encontra-se entre os mais procurados por uma clientela ávida em solucionar os mais diversos problemas, entre os quais se incluem : solução de dificuldades financeiras; queda nas vendas; problemas com a concorrência; desavenças com os fornecedores; falta de crédito; adequação do perfil de empregados, onde se procura saber se o jeito de ser do empregado "dá certo", se é confiável, etc. Com isso, os pais e mães-de-santo transformam-se em consultores que recorrem a expedientes mágicos para solucionar os problemas que afligem sua clientela.

Os jornais diariamente publicam o oferecimento de serviços mágicos de cartomantes, jogo de búzios, tarologia, horóscopo, todos disputando clientes no mercado da salvação. Também os centros espíritas e os terreiros de umbanda são agências prestadoras de serviços sociais diversos. Neste sentido, as constantes consultas que a clientela faz a essas instituições pode significar ser o candomblé, por exemplo, capaz de oferecer práticas e concepções que dão respostas alternativas convincentes para situações que não estão sob o controle racional da vida moderna, ou que escapam da interpretação das outras religiões.

A pesquisa que fundamenta este trabalho procurou identificar o exercício do trabalho de "consultoria" efetuado pelos titulares dos terreiros de Candomblé. Tal Trabalho de "consultoria" é direcionado para equacionar os problemas enfrentados pelos pequenos e médios empresários e suas demandas de natureza econômico - financeira. Em vez de tais questões serem objeto de atenção dos consultores legitimados pela ciência, o que se observa é a introdução de recursos mágicos numa dimensão da vida econômica que, à primeira vista, parece ser apenas "racional".

Perpassa neste texto a discussão sobre os padrões de racionalidade. São retomadas as contribuições de Max Weber e de outros autores da Antropologia e Sociologia. Com isso, o "discurso da competência" a que se referiu CHAUÍ(1989) adquire novo estatuto que não é atribuído pela técnica e pelo discurso científico.

Metodologia

No trabalho de pesquisa de campo , foram realizadas entrevistas com doze comerciantes estabelecidos em Salvador que são clientes de terreiros de candomblé. Para a escolha destes empresários, obedeceu-se a critérios que contemplam : tempo de atividade comercial, vínculo com a religião, frequência de consultas aos terreiros, tamanho da empresa. Complementando o trabalho de campo, foram realizadas, em cinco oportunidades, observações participantes ocorridas nas cerimônias religiosas e nos momentos de festa ; quatro entrevistas foram realizadas com titulares de casas-de-santo, localizadas em Salvador e no município de Lauro de Freitas.

Um trabalho desta natureza requer, para sua satisfatória realização, uma certa familiaridade com os atores envolvidos, objeto de observação e fonte de informação.

A proximidade entre o sujeito do conhecimento e o objeto de estudo, tão condenada pela perspectiva de cunho positivista, é aqui entendida como elemento facilitador da compreensão e análise do tema em estudo. Em circunstâncias onde a condução da pesquisa fosse de natureza "técnica" , com rigor de inspiração funcionalista que considera o objeto de estudo como possuidor de uma exterioridade , exigindo, portanto, uma postura metodológica pertinente com este pressuposto epistemológico. Compreender o "irracional" com este padrão de objetividade nos parece inadequado. Ao contrário, adotamos a perspectiva de compreender a ação humana na dimensão em que o homem procura conduzir sua existência, levando em conta aquilo que têm sentido sem, no entanto, ter finalidade, como proposto por Michel Mafesoli.

Especialização e racionalização moderna

Uma das características mais significativas da sociedade centrada no mercado é a especialização requerida à execução do

trabalho em geral. A parcelização de tarefas é elemento constante quer seja no trabalho manual ou na dimensão intelectual.

Subjacente a este amplo movimento de reordenação da lógica dos diversos afazeres cotidiano, está presente o processo de racionalização que se faz evidente nas instâncias sociais. Dado que cada período histórico possui um *ethos* dominante, a contemporaneidade é hegemonicamente regida pela *racionalidade instrumental* onde as ações são efetuadas tendo em vista um fim a ser alcançado. É a lógica do mercado que perpassa toda a tessitura social, condicionando a sensibilidade humana a estreitos horizontes existenciais.

Se antes o trabalho retomava o curso de uma vida e legitimava uma inserção social, a participação numa *atividade instrumental* é a condição de reconhecimento contemporâneo e, quando muito, essa *atividade instrumental* que transcende o indivíduo e impregna a vida social em seu conjunto não deixa mais margem para outras inserções sociais, porém é única enquanto podia situar-se primeiramente ao lado de outras formas de legitimação.

A *atividade instrumental* promove o produtivismo que se insere no processo de racionalização da existência. É na medida em que a utilidade se torna a norma que tudo se mede em função dos fins determinados, que não enredando em escrúpulos particulares, permite a transformação da dominação em produção. Não tendo outras finalidades que ela mesma, a produção é uma lógica que faz do mundo inteiro um vasto material.

A planificação, a eficácia, a produtividade, tornam-se elementos fundamentais ao sucesso tecnológico e econômico das sociedades industriais desenvolvidas, sucesso este que é decorrente da intensiva aplicação das ciências naturais que se viram envolvidas numa trama de interesses práticos imediatos. É nesta conjuntura que se observa a transferência das qualidades que, no modo de produção anterior eram atribuídas à divina providência, para a imagem moderna da racionalidade.

Fazendo uma prospecção etiológica da moderna racionalidade insere no *discurso da competência*, CHAUÍ(1989) realça a difusão do novo padrão de razão na tessitura social afirmando que o fenômeno da burocracia das sociedades contemporâneas e a idéia de organização que se encontra na base desse fenômeno englobam toda a sociedade civil. O processo de burocratização de todas as esferas da vida social, econômica e política e de todas as manifestações culturais, realiza-se sob a égide da noção de organização, entendida como existência em si

e para si de uma racionalidade imanente ao social e que se manifesta sempre da mesma maneira, sob formas variadas, desde a esfera da produção material até a esfera da produção cultural.

Analisando os elementos que motivam os homens à ação social na moderna sociedade, WEBER (1985) diz que a *racionalidade formal é instrumental* - Tal racionalidade, dominante na cultura do ocidente - é determinada por sua *expectativa de resultados ou fins calculados*-, atinge seu ponto máximo na ciência. Devido ao fato de vários aspectos da vida social moderna estarem assentados em princípios científicos não significa que automaticamente todos os indivíduos saibam quais são esses princípios. Esses são conhecidos, no sentido de que o indivíduo pode, se desejar, obter esse conhecimento, e de que sua conduta é orientada pela convicção de que não há forças incalculáveis e misteriosas a agir no mundo, pelo contrário, é possível, em princípio, dominar todas as coisas através do cálculo.

Racionalidade e o discurso da competência

A idéia de racionalidade comanda a legitimação da autoridade em diversos segmentos sociais. Suscitada pela organização enquanto signo, surge no espaço da produção um conhecimento sobre a racionalidade de maneira que esta deixa de ser considerada como proveniente da aplicação da ciência ao mundo do trabalho, mas como ciência em si, ciência encarnada nas coisas. Tal movimento se efetuou, por exemplo, com o Taylorismo.

A idéia de organização serve como elemento que sedimenta a crença na existência de estruturas, que existem em si e funcionam em si, sob a direção de uma racionalidade tida como própria e independente da vontade e intervenção humanas. Assim, consubstancializa-se e identifica-se o real, a ação e o conhecimento. Com isso os homens encontram pré-traçadas, no interior da organização, as formas da ação e de cooperação racionais, isto é, aquelas que lhes será permitido ter. Nesse processo, ocorre a cada indivíduo imaginar conhecer-se pela mediação do conhecimento que a organização julga possuir sobre ele. Suscitando um novo modo de representar a racionalidade e o objeto social, a ideologia traduz-se pelo elevado prestígio concedido ao conhecimento que passa a ser confundido com a ciência ou com a cientificidade.

CHAUÍ(1989), destaca a primeira modalidade do discurso competente que se atribui em três registros : há o discurso competente do administrador-burocrata, e o discurso competente do administrado-burocrata e o discurso competente e genérico de homens reduzidos à condição de objetos sócio-econômicos e sócio-políticos, na medida em que aquilo que são, aquilo que dizem ou fazem, não depende de sua iniciativa como sujeitos, mas do conhecimento em que a organização julga possuir a respeito deles. Essa primeira modalidade de competência é aquela submetida a norma restritiva do não é qualquer um que pode dizer a qualquer outro qualquer coisa em qualquer lugar e em qualquer circunstância.

O discurso competente, enquanto discurso do conhecimento, é o discurso do especialista enunciado de um ponto especificado da hierarquia organizacional. O número de discursos competentes é equivalente ao de pontos hierárquicos com a autorização para falar em transmitir ordens aos estratos inferiores e aos demais postos da hierarquia que lhes forem paritários. Não se inspirando em idéias e valores, mas na suposta realidade dos fatos e na suposta eficácia dos meios de ação, esse é o discurso da ciência institucionalizada que nesta condição procura dissimular a existência de assimetria, dominação, nas relações sociais sob a chancela da cientificidade.

São condições essenciais para que se projete o prestígio e denotação da eficácia do discurso da competência como discurso do conhecimento a afirmação e aceitação tácitas da incompetência dos homens enquanto sujeitos sociais e políticos. A estes é que tal discurso tenta devolver a qualidade de sujeitos que lhes foi retirada. É por intermédio da competência privatizada que esta tentativa se realiza.

Para que o desencantamento dos incompetentes não seja tão avassalador - criando neles a crença de que são sujeitos - recorre-se ao expediente de elaborar uma série de discursos derivados por cujo intermédio outorga-se competência a quem puder assimilá-los. Tais discursos são aqueles que ensinarão a cada um como relacionar-se com o mundo e com os demais homens. Claude Lefort observa, conforme citação feita por CHAUÍ (1989), que o homem passa a relacionar-se com o seu trabalho pela mediação do discurso da tecnologia, a relacionar-se com a alimentação pela mediação do discurso dietético, a relacionar-se com a criança por meio do discurso pedagógico e pediátrico, com o lactente, por meio do discurso da puericultura, com a natureza, pela mediação do discurso ecológico, com os demais homens por meio do discurso da psicologia e da sociologia. Em uma palavra : o homem relaciona-se com a vida, com seu corpo, com a natureza e com os

demais seres humanos recorrendo a pequenos modelos científicos onde inexistia a dimensão propriamente humana da experiência. Para substituí-la surgem inúmeros artifícios mediadores e promotores de conhecimentos que constroem cada um e todos a se submeterem à linguagem do especialista que detém os segredos da realidade vivida e que, indulgentemente, permite ao não-especialista a ilusão de participar do saber. Este é o discurso do método como exigência de interiorizar regras que assegurem a compreensão de que se é competente para viver.

O desencantamento do mundo

São características do mundo contemporâneo as dimensões da laicidade e profanidade o que conduz ao *desencantamento do mundo* que suscita o exílio dos Deuses. Não obstante, o *ethos* moderno conserva os traços de uma visão tecnológica do real onde a providência inteligente e boa dirige o mundo *ex machina*, elege os justos e pune os injustos segundo designios que são seus e não dos escolhidos nem dos condenados. No mundo moderno a providência chama-se racionalidade.

A racionalidade do mundo moderno também é tema de reflexão de WEBER (1992); este autor, fazendo um julgamento crítico da moderna sociedade de massa, embora recusando-se a basear sua análise sobre a indignação moral, chocou-se ante a maneira pela qual tal sociedade fazia a reavaliação do significado tradicional da racionalidade. Foi Weber quem salientou que a *racionalidade formal e instrumental é determinada por uma expectativa de resultados ou fins calculados*. Por sua vez, a *racionalidade substantiva, ou de valor, é determinada independentemente de suas expectativas de sucesso e não caracteriza nenhuma ação humana interessada na consecução de um resultado ulterior a ela*. Assim, analisa a burocracia como empenhada em funções racionais, no contexto peculiar de uma sociedade centrada no mercado e cuja racionalidade é funcional e não substantiva.

RAMOS (1991) elenca as contribuições das diversas teorias que se propuseram a analisar a temática da racionalidade na moderna sociedade ocidental. Apesar da relevância teórica, foge aos nossos objetivos retomar tais contribuições. Mais pertinente à perspectiva e à especificidade do nosso objeto de estudo é a contribuição da sociologia weberiana.

WEBER (1992) observa que uma expectativa tradicionalista não é totalmente incompatível com as formas modernas de

empreendimentos econômicos. Muitas empresas pequenas têm sido até agora geridas em moldes tradicionais, uma vez que as taxas de trocas e de lucros pautam-se em padrões tradicionais. Não obstante, repentinamente foi destruída essa tranquilidade, fato que ocorre por vezes sem que tenha sido introduzida na empresa qualquer alteração tecnológica. Tendo em vista uma maximização da eficiência produtiva, essas empresas são reestruturadas através de uma reorganização racional de produção. Tais alterações não são, geralmente, devidas a um aporte súbito de capital à empresa em questão. Pelo contrário, constituem o resultado da introdução de um novo espírito: o espírito capitalista. A característica dominante da moderna economia capitalista reside em ser racionalizada com base num cálculo rigoroso que se propõe, recorrendo à previsão, alcançar o êxito econômico; ao contrário do que acontece na vida do camponês, no tradicionalismo privilegiado do artesão das guildas ou no capitalismo do aventureiro, que explora as oportunidades políticas e recorre à especulação irracional.

Para WEBER (1992) o espírito do capitalismo moderno caracteriza-se por sua combinação original da dedicação à atividade lucrativa mediante métodos econômicos legítimos, com a não-utilização desse rendimento na prossecução de prazeres pessoais. Essa atividade radica na convicção de que a eficiência no desempenho de uma atividade profissional livremente escolhida constitui um dever e uma virtude.

Embora dependa parcialmente da técnica e do direito racional, o racionalismo econômico é ao mesmo tempo determinado pela capacidade e disposição dos homens em adotar certos tipos de conduta racional. A par desse processo a aquisição de cada vez mais dinheiro, combinada com a privação severa de todo o prazer espontâneo é considerada como um fim em si, o que do ponto de vista da felicidade ou utilidade para o indivíduo propriamente dito, parece ser transcendente e irracional. Este é o ethos do protestantismo suscitando o espírito do capitalismo.

Religião e racionalidade econômica

Segundo WEBER (1992), a influência da ética religiosa sobre a organização econômica tem de ser principalmente considerada de um específico ponto de vista, que leva em conta sua relação com o progresso ou atraso do racionalismo que domina a vida econômica do ocidente. As crenças religiosas, sendo apenas uma das múltiplas

influências que condicionam a formação de uma ética econômica e a própria religião, devem ser relativizadas uma vez que esta última é fortemente influenciada por outros fenômenos sociais, políticos e econômicos. No domínio da religião e da magia, os homens estabelecem sempre uma distinção entre os objetos e os seres dotados de qualidades especiais, e os que pertencem ao mundo vulgar. O autor assinala que o comportamento e o pensamento mágico ou religioso não podem ser separados da conduta cotidiana, tanto mais que os objetivos das ações mágicas e religiosas são predominantemente de caráter não-religioso.

Em sua existência primordial, a ação religiosa ou magicamente motivada está orientada para este mundo. Neste sentido, a ética religiosa se assemelha com o ethos racional dominante uma vez que as ações religiosas ou magicamente exigidas devem ser realizadas para que vás muito bem e vivas muitos e muitos anos sobre a face da terra. A ação religiosa ou magicamente motivada é uma ação racional, pelo menos relativamente : ainda que não seja necessariamente uma ação orientada por meios e fins, orienta-se, pelo menos, pelas regras da experiência. Assim como esfregando-se um pau numa peça de madeira provoca-se centelhas, a mímica mágica do conhecedor faz cair chuva do céu (WEBER,1992). O autor sugere em sua análise a **impossibilidade de separar a ação ou pensamento religioso ou mágico do círculo das ações ligadas a um fim**, uma vez que **seus próprios fins são, de uma grande maioria, de natureza econômica**.

Através das experiências que transcendem o cotidiano, WEBER (1992) argumenta que nem toda pedra serve como fetiche e nem toda pessoa é capaz de experimentar o êxtase e produzir, por conseguinte, aqueles efeitos de natureza meteorológica, terapêutica, divinatória ou telepática que só é conseguido desse modo, baseado na experiência. A tais forças extraordinárias atribuem-se nomes específicos: maná, orenda, magia, para os quais é empregado o nome de carisma, conceito sociológico fundamental na teoria formulada por este autor.

O carisma denota uma qualidade, um dom pura e simplesmente vinculado ao objeto ou à pessoa que naturalmente o possui e que por nada pode ser adquirido. No entanto, se admitir ser plausível tal aquisição, neste caso, é necessário que seja proporcionado ao objeto ou à pessoa de modo superficial, por intermédio de certos meios extracotidianos. Há uma suposição que, mediando essas alternativas, e apesar de que as capacidades carismáticas não poderem desenvolver-se em nada e em ninguém que não as possua em germe, tal germe

permanece latente se não for estimulado ao desenvolvimento, isto é, se o carisma não for *despertado* pela *ascese* por exemplo.

Não parece demonstrável, para WEBER (1992), que determinadas condições econômicas gerais sejam o pressuposto do desenvolvimento da crença nos espíritos. O que mais estimula tal crença, bem como toda abstração nessa área, é o fato de que **os carismas mágicos inerentes a seres humanos limitam-se a pessoas especialmente qualificadas**, constituindo assim a base da mais antiga de todas as *profissões: a do Mago. Mago profissional*.

Remagicização do mundo

A magia e a religião na Europa, até o século XVI, se misturavam pois pertenciam a um único universo. Para concorrer com a magia emerge a ciência. Contudo, as profundas mudanças que se verificam decorrem da reforma protestante. Não é mero acaso o fato de ocorrerem concomitantemente o desenvolvimento do capitalismo, da ciência e da tecnologia moderna.

É no fim do século XIX que se observa um grande movimento de transformação social que suscita o que WEBER (1992) denominou de *desencantamento do mundo*, quando a magia e o oráculo, quer como práticas religiosas ou não, entram em declínio. A ciência se especializa em disciplinas preditivas, a econometria dos empresários indica os negócios favoráveis.

Apesar do *desencantamento do mundo*, as antigas práticas oraculares *nunca chegaram a desaparecer pois o mundo desencantado não afeta todas as camadas sociais da população*; assim, a ciência é cada vez mais obrigada a diminuir o intervalo de tempo de previsibilidade bem como se observa reiteradamente que o inesperado e o imprevisto insistam em manter-se em evidência.

Enquanto profissional, *o mago é uma pessoa carismaticamente qualificada de modo contínuo*, diferente da pessoa comum, o leigo, na acepção mágica do conceito.

Particularmente *o mago requereu para si o êxtase* : estado que especificadamente representa ou transmite o carisma *como objeto de um empreendimento*.

Neste sentido as práticas mágicas foram feitas para despertar qualidades carismáticas ou para impedir sortilégios malignos, uma vez que todas as formas mágicas de influenciar os espíritos ou divindades tiveram interesses especiais : lutaram pela riqueza, bem como pela vida,

saúde, honra, descendência e, possivelmente, pela melhoria do destino no outro mundo.

As interpretações intelectualistas consideram a religião como efeito da ignorância da verdadeira natureza do absoluto. A religiosidade é considerada por ESPINOSA (apud CHAUI, 1989) como forma originária e imaginária de relação com o poder. A religião exprime o jogo contraditório de duas paixões - medo e esperança - na medida em que se realiza como temor da vinda de um mal quando se espera um bem e como esperança de que um bem advenha quando se teme um mal. Temer é esperar. Esperar é temer. Medo e esperança são efeitos desencadeados pela percepção do tempo como fragmentado e, portanto, como fonte de puro acaso.

CHAUI (1989), argumenta que a necessidade dos homens conjurarem os riscos do tempo incerto, fixando-o em regularidades previsíveis e a necessidade de encontrar um ***substituto visível da certeza que o acontecer recusa***, fixando o espaço numa topologia controlável, exige o recurso a um ***poder ordenador que não só cria a continuidade temporal e a familiaridade espacial, mas sobretudo, que não se confunda com o mundo a ser ordenado***. Em consequência, a exigência de que o ente supremo esteja separado do mundo não é apenas uma projeção fantástica do homem num vazio situado além : é a figuração da própria essência do poder concebido como uma potência que só pode se efetuar se estiver fora, antes e acima do caos que deve organizar. Se estivesse confundido com as criaturas, não teria poder sobre elas; seria apenas um ente no meio dos entes, impregnado pela incerteza do mundo e não podendo governá-lo.

Em relação à magia, tem-se colocado inúmeras questões; entre as quais, uma que se relaciona com a própria crença : *por que as pessoas acreditam na magia ?*

No final do século passado, a Antropologia respondia que a crença na magia nada mais era do que uma *tentativa, ilusória e falsa, de intervir na ordem do mundo*. FRAZER (1982) dizia que a magia não passava de uma *falsa ciência*; por sua vez, Levy-Bruhl (apud MONTERO, 1986) admitia que seria a prova da existência de uma *mentalidade primitiva*, e que o *milagre é banal e o impossível não existe*.

A crença na magia parecia absurda a esses antropólogos e ainda hoje assim se apresenta para muitos; desta forma, tornava necessário explicar por que pessoas que sob muitos aspectos mostravam-se perfeitamente razoáveis persistiam em atribuir veracidade a crenças tão contrárias à lógica mais elementar.

Tal pergunta foi deixada de lado pelos antropólogos Emile Durkheim e Marcel Mauss (apud MONTERO, 1986). Para eles a questão fundamental deixava de ser *por que as pessoas crêem ?* e se tornava *qual o sentido da crença ?* Assim sendo, trata-se de saber o que a magia diz sobre o mundo e de onde vêm as categorias que ela utiliza. Nesta perspectiva, a magia passa a ser compreendida como um sistema simbólico que envolve idéias, objetos e gestos.

A afirmação de que o rito mágico tem um sentido simbólico suscita a questão de saber como é capaz de intervir na ordem do mundo, já que as *"pessoas que se utilizam do rito o fazem esperando dele resultados práticos"*. Paula Montero afirma que seria inconcebível pensar que, após seguidos e reincidentes fracassos, permanecesse incólume a crença em tais atos. Alguma eficácia eles devem ter, já que se mostram tão perenes, sobretudo quando se consideram sociedades como as nossas, em que o avanço tecnológico faria presumir o total desaparecimento da magia. Observa-se que a crença na magia acompanha o crescimento industrial das cidades, como é o caso da umbanda e do candomblé no Brasil, sobretudo em São Paulo, como mostram os estudos de ORTIZ (1991), PRANDI (1991) e MONTERO(1985, 1986).

Magia e religião

Não há um consenso sobre onde passaria a linha da demarcação que separa os fenômenos religiosos dos fenômenos mágicos. Magia trabalharia com forças que seriam imanentes à natureza, enquanto a religião veneraria forças transcendentais. A magia se definiria como um culto individual, tendendo para o privado, enquanto a religião constituiria um fenômeno coletivo e público (FRAZER, 1982). O autor acredita que haveria um antagonismo entre religião e magia baseado na concepção diferencial que as duas teriam à respeito do funcionamento da natureza.

Para a religião existem poderes superiores aos homens - transcendência - a quem se atribuem o controle da natureza. Do ponto de vista da religião, a natureza não teria um curso independente dos caprichos divinos. Em decorrência dessa crença, os homens, para interferir nos acontecimentos, se vêem obrigados a aceitar e promover a mediação dos Deuses : é necessário que se estimule sua boa vontade; é preciso propiciá-los e agradá-los para que governem bem o mundo.

Por sua vez, a magia acredita que a natureza não é regida pelos caprichos pessoais das divindades, mas por leis rigorosamente mecânicas. Concebe a sucessão de eventos como regular e certa, determinada por leis imutáveis, cuja operação pode ser calculada e antecipada com precisão. Basta aplicar as leis de causa e efeito para intervir no seu curso, não sendo necessário, portanto, apelar para qualquer tipo de persuasão.

Imerso no preconceito evolucionista, FRAZER (1982) argumentava que a hostilidade entre magia e religião é um indício da anterioridade da crença na magia em relação à religião. Com a descoberta da ineficácia de certos ritos mágicos houve uma revolução na mente dos homens que passaram a ter consciência de sua fraqueza e ignorância diante das leis que organizam o mundo. Descobrimos que as forças naturais não podem ser controladas por eles, o homem inventa os Deuses ao descobrir que o mundo manifesta-lhe resistência. Os argumentos do autor realçando a precedência histórica da magia com referência à religião são pouco convincentes, uma vez que a magia não é mais simples do que a religião. Georges Gurvitch observa que as sociedades arcaicas não são menos complexas do que as avançadas, mas de uma complexidade específica (apud MONTERO, 1982)

Marcel Mauss e Henri Hubert (apud MONTERO, 1982) argumentam que é importante separar dessa maneira religião e magia, porque ambas são igualmente complexas e se interpenetram. De um lado, a maior parte das religiões conhecidas contém elementos mágicos e se utiliza da magia em seus rituais, e, de outro, toda magia faz apelo a divindades sobrenaturais, esteja ou não em sua prática, visando finalidades benéficas ou maléficas. O uso da magia é corrente na umbanda e as próprias divindades, ao se incorporarem nos médiuns, praticam a magia: a cura para uns, o tão sonhado emprego para outros, a solução de problemas amorosos para outros ainda. Para todos a magia se mostra capaz de encontrar uma saída.

A controvérsia se mantém quando se utiliza outro critério na distinção entre magia e religião: a oposição ato individual / ato coletivo.

Marcel Mauss (apud MONTERO, 1986) em seu esboço de uma teoria geral da magia, mostra que a magia, mesmo quando praticada por indivíduos isolados, nunca é criação de um homem só, ela está sempre fundada em crenças coletivas. *Qualquer rito ou cerimônia só tem sentido e eficácia por que quem está agindo através do mágico é a própria sociedade. "A magia" é por definição, "objeto de uma crença a priori". por que "a crença é anterior ao resultado, a operação mágica que fracassa nunca coloca em xeque o sistema"* Quando o resultado esperado não

vem, refazem-se os ritos, varia-se a técnica e, no limite, substitui-se o mágico. Mas a crença no sistema permanece.

O temor e a (Im) previsibilidade do futuro

A ciência social nos diz que os homens sempre manifestam o temor do futuro, do desconhecido, do que pode acontecer inesperadamente, este temor está presente em todas as civilizações. Cada uma, a seu modo e no seu tempo, buscou uma forma de prever o que está para vir. O oráculo seria tão antigo quanto a humanidade. Até a emergência da ciência moderna, por volta do século XVI e XVII, o oráculo era basicamente religioso, de origem religiosa ou esotérica. A ciência moderna suscita a predição racional, objetiva e desprovida de elementos sobrenaturais. Propondo-se a fazer previsões em todos os domínios do mundo natural e social, a ciência também se imbuí do propósito de tentar resolver por meio de conhecimento racional e objetivo, experimental ou não, as questões de explicação do mundo e aquelas relativas a problemas que o mundo apresenta ao homem.

Como o mundo não é inteiramente previsível pela racionalidade moderna, o sentimento da impotência suscitado no homem o conduz em direção à mão protetora da religião ou magia como adepto ou como cliente. É com a experiência amarga da derrota, do abandono, da perda, da falta de sentido que há adesão religiosa capaz de interiormente transformar o sentido da vida. **Por que eu? - é uma eterna questão. O candomblé como religião, oferece tudo isto, mas oferece também a possibilidade de atender à procura para um fim imediato, numa prática tópica, ad hoc, utilitária, na qual se busca atingir um objetivo determinado sem envolvimento com a religião como prática incorporada à vida. Este é o universo do cliente.**

A clientela

Mesmo não tendo nenhum compromisso de iniciação religiosa, é possível a quem queira ou necessite, ter acesso ao modo de decifração do mundo elaborado pelo candomblé através de um tipo de oráculo-jogo de búzios - em que não ocorre a manifestação de espíritos incorporados ou entidades sobre-humanas, e através do qual são prescritos os meios propiciatórios para a solução de problemas.

A clientela que consulta o oráculo do candomblé não precisa se expor ao dramático contato da sacralidade presente na umbanda, oportunidade em que o cliente é obrigado a tratar face a face com o espírito incorporado.

No candomblé nada se faz sem antes consultar o oráculo. Através do jogo de búzios se procura desvendar a origem da pessoa, isto é, qual o seu orixá; busca-se a prescrição acerca dos procedimentos rituais cotidianos e, especialmente, o diagnóstico das dificuldades de toda ordem que afetam a vida do consulente e a definição prescritiva dos expedientes - *sacrifícios* - necessários à solução de problemas apontados durante o jogo.

Analisando as motivações que estimulam a consulta, por parte de expressivos segmentos sociais, aos terreiros de candomblé paulistas, PRANDI(1991) argumenta que essa procura representa sempre um momento de dúvidas, aflições, incertezas, privações e frustrações. Essa clientela não é especialmente diferente daquela que busca o kardecismo, o pentecostalismo, a umbanda e, dependendo das condições da classe social, a psicanálise e outras modalidades terapêuticas. Mas cada alternativa levará a diferentes consequências e, de certo modo, imporá condições diversas.

O jogo de búzios atrai aos terreiros de candomblé uma clientela de não-adeptos que se consulta com o pai ou mãe-de-santo na esperança de que os orixás solucionem os problemas de saúde, emprego, afeto não-correspondido, **dificuldades comerciais e financeiras enfrentadas por pequenos e médios empresários que acorrem aos serviços mágicos oferecidos no terreiro.** Quando, através do jogo de búzios, o orixá do consulente é identificado, a partir desse momento passa a ser seu *deus particular*. Este deve ser cultuado para que se estabeleça um pacto como meio de se estar no mundo com segurança, ser feliz, não ser derrotado nunca, não sofrer perdas materiais, pois tudo isso deve ser feito enquanto se está vivo. Depois da morte nada importa.

Há no estatuto ético do candomblé a pressuposição de que os orixás devem estar satisfeitos, os adeptos têm de propiciá-los e alimentá-los pois padecem de fome e sede. Expedientes esses que possibilitam ao adepto ou consulente estar bem com o orixá. Estar bem com os deuses é poder ficar bem com o mundo, protegido no mundo, pois o mundo é o lugar da felicidade e está aí para ser desfrutado. Os elementos que são considerados importantes e bons na vida são: saúde e vida longa, dinheiro e prosperidade, vencer as disputas e derrotar os inimigos.

Diversamente da ética religiosa que renuncia o mundo, o candomblé é uma religião do mundo (Weber, 1992). A regra do orixá não procura regular a conduta social, nem sugerir a rejeição do mundo, não há promessa fora do mundo, nem promessa para depois da morte, para o além.

Em consonância com o “ethos” moderno, a ética religiosa estimula que cada um procure a sua realização plena, até por que o mundo que se vive valoriza o individualismo, a criatividade, a expansão da capacidade de imaginação, a importância de subir na vida.

Economia informal do terreiro

O terreiro de candomblé, visto da perspectiva da sociedade envolvente, pode ser entendido como um centro de economia informal pois, em seu interior, as relações de produção (trabalho) não se orientam pelas regras de racionalidade capitalista, uma vez que cotidianamente é executado em grande proporção trabalho não-remunerado. Esta *mais-valia* ocorre em razão dos padrões de sociabilidade suscitados na organização do terreiro. Não se deve esquecer que o candomblé é estruturado tendo como referência o modelo da família. A família do candomblé, atente-se à especificidade, é liderada por um pai ou mãe. Não existe em um mesmo terreiro de candomblé, as figuras do pai e da mãe. Sendo assim, os filhos-de-santo são órfãos de um dos chefes da família. Pode-se dizer que a família de santo é uma espécie de *família parcial*, conceito sociológico utilizado alguns para se referir à unidade domiciliar da prostituta, pois, esta, mesmo não tendo um companheiro morando consigo e apesar de não ter filhos, constitui uma unidade familiar, onde moradia e local de trabalho se confundem.

O Pai-de-santo

Um pai ou mãe-de-santo precisa ter muitos filhos-de-santo para que seja capaz de rotinizar e constantemente realimentar uma aura sacerdotal. Sobre estes filhos o pai exerce sua dominação. Seu poder emana do Deus ou espírito que o cavalga. É por meio dos papéis sagrados que o terreiro é governado. Um pai-de-santo não fala por si; o orixá fala por sua boca. O pai-de-santo não escolhe acólitos nem dá cargos na hierarquia da casa; o orixá o faz. Cada terreiro de candomblé constitui uma autarquia, com leis próprias; a liderança, o governo

espiritual, é aceita como desejo e determinação da divindade. Não há autoridade nem pensamento disciplinado que sobreponha ao carisma do chefe do terreiro, isso é devido ao fato de não haver no candomblé um pai fundador, mas vários e antagônicos entre si.

A economia do candomblé, isto é, suas fontes de recursos, é suprida principalmente por sua relação com a clientela. O jogo de búzios e outros pequenos serviços rituais prestados à clientela são os meios de auferir recursos ao terreiro e ao pai ou mãe-de-santo. A este cabe exclusivamente a tarefa de prestar serviços mágicos a uma clientela que não mantém vínculos religiosos com a sua casa.

Deve-se ter em mente que "a magia - fazendo parte do mercado religioso da salvação - é sempre uma relação utilitária de troca, denotando um toma-lá-dá-cá". Neste movimento ocorre troca entre o homem e o deus ou santo. "Uma vez que haja intermediação do mago, esta relação de troca é também comercial, pois envolve pagamento". No candomblé, o jogo de búzios e outros serviços correlatos são pagos. Para cada tipo de trabalho há sempre um preço estipulado, ainda que o pai-de-santo possa freqüentemente jogar búzios e prestar outros serviços gratuitamente para clientes mais pobres ou para clientes que são adeptos virtuais. *"Esta relação de troca comercial", segundo WEBER (?), "típica da prática mágica, possibilita ao candomblé constituir um lastro econômico que sustenta a infra-estrutura material do culto, da religião, e que é de propriedade privada do pai-de-santo uma vez que ele é micro-empresário do setor de serviços ao tempo em que é líder de uma comunidade de adeptos".*

A oportunidade de pertencer ao candomblé, de ser do povo-de-santo, prenuncia a possibilidade de se *construir uma carreira sacerdotal, em termos profissionais*, pois na sociedade brasileira o feiticeiro e sua magia são perfeitamente aceitos socialmente. Com isso, *emerge espaços específicos no mercado de prestação de serviços pessoais*. Num mercado de trabalho como o dos dias atuais, para que alguém se disponha a nele competir, é necessário deter certa competência real ou atribuída pela agência formadora. Neste sentido, ter sido *"feito"* num terreiro famoso, dirigido por uma mãe-de-santo prestigiosa, o axé pode ter a acepção do currículo, da boa escola que outorga e chancela de "competente e eficiente", *como requer a lógica do mercado de serviços, notadamente o religioso e o mágico.*

O candomblé, enquanto agência de serviços religiosos, põe à disposição do não-devoto um tipo de serviço em que o sagrado, o estritamente religioso, é pouco exigente para aqueles que buscam

uma religião não para ser ou por ser religioso, mas **para solucionar um problema não resolvido por outros meios**. A densa sacralidade do candomblé pode também ser despercebida para o cliente. Tal evento permitirá ao homem de mentalidade laica das classes médias - de onde provêm a maior parte da clientela do candomblé - ter pouco ou nenhum envolvimento religioso quando se trata de uma solução "ad hoc", já que é pensada mais como magia executada pelo sacerdote e menos como intervenção de uma divindade espiritual que o cliente teria que manter contato face a face com os deuses, tal como ocorre na umbanda. No candomblé, o cliente entra em contato com o pai ou mãe-de-santo e estes, através do jogo de búzios prescrevem as determinações divinas necessárias à solução do problema que motivou a demanda.

Em um estudo sobre o candomblé paulista, PRANDI (1991) observa que os clientes têm sido sempre importantes para o candomblé como religião, isto é, enquanto grupo de culto organizado. **Mas essa clientela procura o candomblé como serviço mágico**, magia que lida o tempo todo com a **manipulação do mundo através do sacrifício**. O sacrifício, ainda que rito simbólico, é uma oferenda concreta de coisas materiais, inclusive com **preços determinados**. **Simbolos materiais**, cuja quantidade, volume, riqueza, variedade e especificidade podem propiciar uma **medida capaz de aferir**, por um lado, **o prestígio do sacerdote-feticheiro por seu conhecimento dessas fórmulas de manipulação mágica e sua capacidade de atrair adeptos e clientes**, e por outro lado, **o despojamento e a disponibilidade financeira do devoto ou cliente no gesto da oferenda**.

Não pressupondo a conversão de quem o consulta para a solução de problemas, o candomblé propicia a criação de laços sociais entre os de fora e os de dentro. Um terreiro depende muito de sua clientela. Todo pai-de-santo aufere recursos provenientes do jogo de búzios, dos ebós feitos para os de fora. Apesar de a clientela não manter laços religiosos com a comunidade do culto, há uma cumplicidade decorrente do fato de haver identidade entre os orixás do cliente e do adepto. Numa festa de **obrigação** dedicada a Iemanjá, os clientes que reverenciam a deusa do mar devem ajudar com alguma contribuição, já que agradar a mãe do iniciado, que também é a dele, possibilita ter mais força, significa partilhar axé acrescentado no ato solene da obrigação do santo.

Os consultores do além no mundo dos negócios

O mundo dos negócios onde se incluem os trabalhos dos consultores em administração tem sido retratado por diversos especialistas.

A analogia aqui adotada para enfocar os serviços prestados, pelos titulares de terreiros de candomblé, aos empresários de variado porte parece esclarecedora. No mercado simbólico da salvação, a solução de problemas de natureza econômica e administrativa tem tido a colaboração direta ou indireta de expedientes produzidos por um padrão de racionalidade aparentemente antagônico ao desenvolvido pelo mundo dos negócios. Assim, os consultores convencionais tem recorrido ao esoterismo como instrumento de definição de critérios do processo de seleção de empregados, por exemplo. Neste sentido, o mapa astral, numerologia, tarô e outros métodos não-científicos tem influenciado na contratação de profissionais. A imprensa constantemente tem noticiado estas experiências. Sabe-se que a maioria das empresas teria medo de ser ridicularizada por outras empresas e pessoas que condenam este método. Não é o caso da empresária Rosmary Santos ao assegurar que "para admitir alguém na minha empresa eu procuro saber se a pessoa bate no meu santo". (Folha de São Paulo, 1995a).

Maria Valéria Damas, numeróloga, afirma, segundo a folha de São Paulo, que fez alguns estudos de nomes de candidatos para empresas. Outra consultora de empresas, Márcia Brito, recorre ao mapa astral no trabalho de recrutamento e seleção que elabora para microempresas. (opcit)

Na hipótese de o mapa astral não recomendar a contratação de algum candidato, existem outras alternativas, como a tarologia ou o "l'ching". Estas duas técnicas são as mais procuradas por empresários, segundo afirmação de Marta Camila, quiróloga, Taróloga, numeróloga e leitora do l'ching. (opcit)

As empresas de consultores de Recursos Humanos que nunca haviam discutido o assunto esoterismo estão entrando na área. Uma destas empresas, a Lens e Minarelli, promoveu recentemente uma palestra sobre astrologia aplicada a recursos humanos. Seu diretor-presidente, José Minarelli, afirmou que "sempre ouvimos histórias de seleção de pessoal em que é aplicado esse tipo de técnica. Há muito preconceito." Conclui sua avaliação dizendo que "pessoalmente, não acredito nestas coisas, mas isso não quer dizer que eu tenha razão". (idem)

É ilustrativa a posição do Conselho Regional de Psicologia de São Paulo ao condenar a prática de técnicas esotéricas na área de recursos humanos. Há punições para o psicólogo que o fizer, pois estaria cometendo infração à ética profissional. As punições vão desde uma advertência até a cassação do registro. (idem)

Maria Silvia Bolguese, presidente do Conselho Regional de Psicologia afirma que "se fosse submetida à numerologia em uma seleção e perdesse a vaga, embargaria o processo e, na condição de consumidora, processaria a empresa no dia seguinte". (idem)

O uso de numerologia, mapa astral e tarô, segundo Maria Bolguese, são condenáveis porque só são consideradas práticas da psicologia as reconhecidas cientificamente, isto é, as que constem da grade curricular de uma Universidade. (idem)

João Bosco Lodi, professor do curso de administração de empresas da Fundação Getúlio Vargas, investe contra o que ele chama de modismos de administração. Contrapondo-se aos expedientes a que alguns consultores recorrem, o professor chama a atenção para o fato de o empresário tornar-se presa fácil para aventureiros. Acrescenta ainda que, em vez de consumir toda novidade que aparece, o empresário devia confiar mais na própria intuição.

Os empresários dizem : os consultores estão aí, deixe-os fazer e depois nós vamos pensar no assunto. Ficam, então, esperando o relatório que vai trazer a iluminação, o oráculo...Parte da entrevista que o consultor de empresas, João Bosco Lodi concedeu a uma revista de circulação nacional é aqui reproduzida para ilustrar discussão. (VEJA, 1995)

Veja - Um número crescente de empresas está recorrendo a mapas astrais e guias religiosos. A irracionalidade invadiu o mundo dos negócios ?

Lodi- " Há duas maneiras de interpretar esse fenômeno. A visão otimista é que os empresários estão à procura de caminhos não usuais para provocar um estado de espírito que dê origem a idéias novas. Esse momento de inspiração pode ser induzido, por exemplo, por um retiro num convento, como está em moda na França. Outros buscam soluções na astrologia, que é a pior opção possível. Todos os empresários que conheço que consultam mapa astral quebraram. Uma grande empresa com quem trabalhei possuía um culto interno, uma religião para consumo próprio. Dentro da sala da Diretoria havia sempre um defumador aceso e toda semana a empresa recebia a visita de um pai-de-santo. Faliu, claro. Há também o caso de um grande empreiteiro que chamava astrólogos para fazer previsões, até o dia em que quebrou. Na pior das hipóteses, trata-se de credence pura e simples. Essas fórmulas

ou pessoas influentes induzem a empresa a adotar soluções erradas, com resultados desastrosos."

Por outro lado, José Maria Machiline, um dos herdeiros do grupo Sharp, indústria de aparelhos eletrônicos cujo faturamento anual é de 1 bilhão de reais, se envolveu tão profundamente com o culto do candomblé que ele próprio se tornou pai-de-santo. Conhecido como Zé do Bem, ele encarna o Preto Velho nos dias de segunda-feira, em sua mansão no Morumbi, bairro chique de São Paulo. Sua clientela, como é natural, é composta por membros das classes superiores paulistanas. (VEJA, 1996)

Outro exemplo de alguém que migrou de um estilo de vida pautado pela racionalidade formal / instrumental para o padrão de sociabilidade suscitado pelos cultos afro-brasileiros, é dado por Silvia Egídio. Na década de 70, estudou administração de empresas e doutorou-se em comércio exterior. "Os conhecimentos de Enfermagem são úteis à uma mãe-de-santo e a experiência administrativa ajuda na organização do terreiro".

O Axé ile Obá é um luxuoso templo de 4.000m². Cada orixá é adorado em quarto independente, todos ricamente decorados. Só o salão de festas com platéia de 500 lugares, tem 320m². O luxo é mantido com a venda de objetos em pedra sabão, cristais, materiais de limpeza e papelaria. "Emprego cerca de 100 filhos-de-santo. Todos recebem salário. O lucro é do templo" afirma Silvia de Oxalá (Folha de São Paulo, 1995b).

Dos titulares de Terreiros de Candomblé entrevistados, obtiveram-se informações que ratificam os comentários contidos nos excertos anteriormente citados. Assim, por exemplo, um dos clientes - Joselito, - comerciante de médio porte, proprietário de um restaurante e de uma barraca de jornais e miudezas, localizadas no bairro de Itapuã, é um típico cliente; fiel às recomendações do pai-de-santo. As relações estabelecidas entre ambos ultrapassam as formalidades circunscritas à consulta. Como não toma nenhuma iniciativa relacionada à sua atividade empresarial, sem antes consultar o babalorixá; tal frequência cotidiana ao terreiro propiciou um nível de confiança mútua que desfez os limites existentes entre consulente e consultado. Ouvi do comerciante declarações que denotam plena sintonia com as recomendações emanadas do jogo de búzios. Demandas aparentemente prosaicas são apresentadas ao pai-de-santo para que este ofereça soluções ou recomendações que possibilitem diminuir a probabilidade de ocorrer insucesso em suas iniciativas empresariais.

Uma dessas questões se referia à necessidade que o comerciante tinha de se ver livre da presença de um concorrente, proprietário de um estabelecimento comercial localizado na circunvizinhança de Joselito. Este solicitou ao pai-de-santo a feitura de um "trabalho" para conseguir realizar tal pretensão. Segundo o cliente, seu desafeto em pouco tempo vendeu o ponto comercial e se mudou para outro local distante do anteriormente ocupado, é o que Joselito garante ter ocorrido.

É este mesmo cliente que enumera situações onde a mão mágica dos consultores do além se faz presente. Desejando regularizar sua performance pessoal junto ao gerente do banco onde mantinha conta corrente, pois sua imagem estava comprometida em razão de não haver honrado compromissos com o banco nas datas pactuadas e, também, em decorrência de ter emitido cheques sem a necessária provisão de fundos, embora pagos na segunda apresentação --, este comerciante apelou ao pai-de-santo para que este intercedesse em seu favor, no sentido de fazer com que o referido gerente abrandasse os rigores regimentais da instituição financeira e, com isso, propiciasse a recuperação da sua ficha cadastral para que fosse possível pleitear a concessão de novos créditos junto ao banco. Mais uma vez o entrevistado garantiu ter tido sucesso em seu pleito, creditado à interferência do orixá, seu protetor que atendeu aos apelos do pai-de-santo, uma vez que este lhe ofereceu os ingredientes aprazíveis à idiossincrasia gastronômica do orixá.

Outros relatos dessa natureza foram, também, colhidos; difícil imaginar que se tal expediente não tivesse alguma eficácia para os consulentes, como explicar a recorrência de tais demandas ?

Referências bibliográficas

- CHAUI, M. *Cultura e Democracia*. 4. ed. rev. e amp. São Paulo, Cortez, 1989. (*O discurso Competente*).
- FRAZER, J., *O Ramo de Ouro*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1982.
- Folha de São Paulo. 4 de junho de 1995. 6º caderno, p.1.
- Folha de São Paulo. 29 de outubro de 1995. 6º caderno, p.1.
- VEJA. São Paulo. 22 de março de 1995. p.7-9.
- VEJA. São Paulo. 7 de agosto de 1995. p.56-58.
- MONTERO, P. *Da doença à desordem: A cura mágica na Umbanda*. Rio de Janeiro: Graal, 1985.
- _____. *Magia e pensamento mágico*. São Paulo: Ática, (série princípios), 1986.

- ORTIZ, R. *A morte branca do feiticeiro negro*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PRANDI, R. *Os candomblés de São Paulo. A velha magia na metrópole nova*. São Paulo: Edusp/hucitec, 1991.
- RAMOS, G. *A nova ciência das organizações*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas. 1991.
- WEBER, M. *A ética protestante e o espírito do Capitalismo*. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1985.
- _____. *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB. v.1. 1992.